

IMAGENS DE GAÚCHO: MODO DE FALAR, ARTE DE VESTIR

Kelly Fernanda Guasso da Silva¹

Primeiras palavras

O Rio Grande do Sul possui vestimenta, culinária e linguajar característicos que, com o passar do tempo, formaram e fazem parte da cultura regionalista sul-riograndense. É possível pensarmos que a imagem de um sujeito está relacionada a sua maneira de vestir, bem como a sua maneira de falar, seus trejeitos, hábitos etc. A especificidade do sujeito gaúcho se dá por meio da observação da maneira como nomeia elementos do seu cotidiano, pelos modos de falar e vestir e pela arte que constrói sua imagem física. Daremos especial destaque, neste estudo, à vestimenta ou indumentária do gaúcho e a imagem que se forma a partir disso. Refletir sobre a imagem do gaúcho requer que busquemos na tradição os elementos que o caracterizaram e, ao mesmo tempo, os relacionemos com o contemporâneo, a fim de que o passado e o presente sejam considerados como um fator importante dessa história. Para isso, o levantamento de verbetes relacionados à indumentária será feito no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes e no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro Villar.

Escolhemos o dicionário como instrumento linguístico de pesquisa, pois, considerando Aurox (1992), é através do dicionário (e da gramática) que se pode descrever e instrumentar uma língua, não servindo apenas para correção ortográfica, mas, principalmente, auxiliando na produção de sentidos, na medida em que fornece ao falante as possibilidades de uso das palavras de determinada língua. Ainda segundo esse mesmo autor, o dicionário e a gramática são adventos que marcaram a Revolução Tecnológica da Gramatização, servindo como materialidade discursiva para a perpetuação de uma língua e a consequente construção do saber linguístico. O dicionário, portanto, é um instrumento linguístico que ajuda a homogeneizar uma língua, mas não pretende, e nem pode, manter intacta essa língua, conforme afirma Petri (2010), visto que, a prática discursiva renova constantemente o sentido de qualquer vocábulo.

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista Probiic – FAPERGS, sob orientação da Professora Dr. Verli Petri. E-mail: kellyguasso@gmail.com

Ainda de acordo com Petri (2010), o dicionário pode ser pensado como “peça da linguagem”, ao funcionar como um instrumento linguístico que faz parte da construção de sentidos, ou seja, ele auxilia a prática discursiva ao mostrar as diversas maneiras que um enunciado pode ser dito, trazendo verbetes e as suas consecutivas acepções, sinonímias e exemplos, mostrando ao consulente novas maneiras de dizer. Perpassando a questão da simples correção ortográfica, o dicionário produz sentidos mesmo sendo o lugar da incompletude e do inacabado, pois, por meio do uso, as palavras ressignificam. Por apresentar esse caráter de incompletude e, ao mesmo tempo, o lugar do saber, é que esse instrumento linguístico será tomado por nós também como uma “peça da linguagem” que auxilia na construção de um gesto maior que é a produção/manutenção/atualização de sentidos.

A formação da imagem relacionada à indumentária: a pilcha - indumentária do gaúcho

A pilcha, de acordo com o *Dicionário de Regionalismos*, é “adorno, joia, dinheiro. Roupas, arreios, qualquer objeto de valor. Vestimenta típica de gaúcho” (NUNES; NUNES, 1948, p. 373). Já o dicionário *Houaiss* nos traz a acepção de: “objeto de adorno; adereço, enfeite” e, ainda, uma “peça de vestuário, especialmente o poncho, a bombacha, as botas e o chiripá” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 2210). Portanto, pilcha é a designação que utilizaremos para tratar da vestimenta típica utilizada pelos gaúchos.

A indumentária do gaúcho é a pilcha e a pilcha masculina é diferente da feminina. A pilcha masculina é formada por alguns elementos que podem ser nomeados de maneira diferenciada no resto do Brasil ou podem até mesmo ser desconhecidos, são eles: a alpargata, as bombachas, o chiripá, a guaiaca, o pala e o poncho. A título de curiosidade, a tradicional pilcha feminina, que tem por objetivo de valorizar as qualidades da prenda, é formada por: vestido de prenda, saia de armação, sapatilha e flor no cabelo. Como é nosso objetivo nesta análise perceber a imagem do gaúcho, a partir das designações dos verbetes relacionados à sua indumentária, faremos um recorte e analisaremos apenas os verbetes relacionados à indumentária masculina, a fim de que possamos nos deter na imagem do gaúcho, já que a indumentária feminina é diferenciada e possui suas peculiaridades.

Aqui nosso percurso será o de, inicialmente, buscar no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* os verbetes referentes à indumentária do gaúcho, para, a seguir, passarmos ao *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e, então, podermos fazer a comparação entre as designações que nos são apresentadas nesses instrumentos linguísticos. Vejamos os verbetes e as suas designações:

ALPARGATA, s. O mesmo que *alpargatas* (NUNES; NUNES, 1948, p. 28).

ALPARGATAS, s. Alpergatas (NUNES; NUNES, 1948, p. 28).

Buscando o verbete “alpargata” no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (NUNES; NUNES, 1948), de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, já podemos perceber que ele não possui descrição, apenas referência às palavras “alpargatas” e “alpergata”, sem referir designação ou exemplificação, apenas sinonímia. Segundo Eni Orlandi (2009, p. 82), “ao longo do dizer, há toda uma margem de não ditos que também significam”, é por esse motivo que somos levados a interpretar que aquilo que não é dito no *Dicionário de Regionalismos* pode estar sofrendo a influência da questão de ser desnecessária essa descrição, devido à sua popularidade, ou porque esse elemento não é utilizado no vestuário do gaúcho.

alpargata s. f. (1685) m. q. ALPERCATA ⊕ SIN/VAR ver sinonímia de sandália (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 101).

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), de Antônio Houaiss e Mauro Villar, a palavra “alpargata” aparece referida à alpercata e como sinonímia de sandália, além de apresentar-nos as entradas “alparca”, “arpacata”, “alparcateiro”, “alpargata”, “alpargataria”, “alpargateiro” e “alparqueiro”, todas referidas à “alpargata/ alpercata”. Apresenta-nos, também, a informação de que a etimologia da palavra é árabe (*al+pargāt*), fato que reafirma o que foi apresentado no *Dicionário de Regionalismos*: a **origem da palavra “alpargata” é turca**. Como o *Houaiss* nos traz a data de entrada do verbete no Brasil, é importante destacarmos que a palavra “alparca” teve entrada em 1508, “alpargata” em 1685, “alpargataria” em 1913 e “alparqueiro” em 1712. Nesse dicionário temos, ainda, a definição para “alpercata”:

alpercata s. f. (1899) sandália que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano ⊕ ETIM ár.hsp. *pargāt*, pl. de *párga*, us. com o artigo ár. al-(*al+pargāt*) ⊕ SIN/VAR alparca, alparcata, alpargata, alpargate, alpercata, alpercate, alpergata, apragata, paragata, pargata, pracata e pragata; ver tb sinonímia de sandália (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 101).

Essa palavra teve entrada no Brasil em 1899 e também tem origem etimológica árabe (*pargāt*), é uma “sandália que se prende ao pé, por tiras de couro ou de pano, que tem como sinônimos as variações alparca, alparcata, alpargata, alpargate, alpercata, alpercate, alpergata, apragata, paragata, pargata, pracata e pragata” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 101). Após a designação de “alpercata”, anteriormente referida, temos os verbetes que se relacionam a ela com a

mesma palavra-base/ radical, são eles, “alpercataria”, que é a “oficina ou loja de alpercatas” e “alpercateiro”, que é “aquele que fabrica ou vende alpercatas” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 101).

Comparando-se as designações trazidas pelos dois dicionários, podemos perceber que o verbete “alparcata/ alpargatas”, que faz parte da pilcha do gaúcho de atualmente, não apresenta designação abrangente no *Dicionário de Regionalismos*, e sim no dicionário nacional, fato que foi contra as nossas expectativas iniciais, pois pensávamos que poderia ocorrer exatamente o contrário. É instigante buscarmos explicações para essa ocorrência, pois as “alpargatas” fazem, sim, parte da vestimenta dos gaúchos de atualmente. É a partir disso que a história parece fazer a diferença, pois somos levados a considerar que, por não estar registrada nos documentos históricos gaúchos, a “alpargata” não é referenciada aos gaúchos e nem consta no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, ou seja, a história foi fator determinante para a escrita e o registro da sua designação, descartando a necessidade de descrição, definição e exemplificação. A tomada de posição do sujeito dicionarista indica que esse verbete é do senso comum, todos sabem o que é e como funciona.

O próximo verbete analisado é uma das referências do gaúcho: as “bombachas”; no *Dicionário de Regionalismos* (NUNES; NUNES, 1948, p. 70), elas são designadas como “calças muito largas, presas por botões logo acima do tornozelo. É a vestimenta predileta dos homens do campo do Rio Grande do Sul, que a usam tanto para o trabalho quanto para o passeio”.

BOMBACHAS, s. calças muito largas, presas por botões logo acima do tornozelo. É a vestimenta predileta dos homens do campo do Rio Grande do Sul, que a usam tanto para o trabalho quanto para o passeio. Na obra *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*, de Nicolau Dreys, que esteve aqui em 1817, na descrição da indumentária gaúcha não há referência às bombachas, o que indica que seu uso é relativamente moderno em nosso Estado (NUNES; NUNES, 1948, p. 70).

A partir dessa designação já podemos perceber, através da palavra “predileta”, por exemplo, qual é a vestimenta que mais se relaciona à imagem do gaúcho, assim como, qual é a vestimenta mais apreciada por ele: as “bombachas”. Atualmente as “bombachas” são reconhecidamente uma marca do gaúcho, elas estão inscritas no imaginário do sujeito, pois elas são usadas tanto no estado do Rio Grande do Sul quanto fora, servindo como atestado de uma origem e como manutenção do que é regional, por requererem um baixo investimento financeiro, serem práticas e fáceis de usar, tornaram-se um utensílio popular de fácil acesso a todos. Uma questão que merece ser destacada, trazida pelo mesmo *Dicionário de Regionalismos*, é que seu uso é relativamente moderno em nosso estado, já que as **“bombachas” teriam sua origem provavelmente na Turquia** e, ao serem importadas para Espanha e desta para o Prata, chegaram até o Rio Grande do Sul. Essa questão

pode ser desconhecida por muitos e é por esse motivo que vai ao encontro do que Orlandi (2009) afirma sobre a incompletude, pois nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história, ou seja, para muitos era fato inquestionável que as “bombachas”, por serem uma das marcas do gaúcho, teriam sua origem no próprio Rio Grande do Sul e, na verdade, esse saber popular se desloca, no momento em que confrontamos o contemporâneo e o histórico. A história nos afirma que, em 1817, na obra *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*, de Nicolau Dreys, na descrição da indumentária gaúcha, não há referência às bombachas (de acordo com NUNES; NUNES, 1948, p. 71).

Conforme o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 309), o verbete “bombachas” teria sua entrada no país no ano de 1644. As “bombachas” são designadas como “calções folgados que se atavam por sob os joelhos; certos calções largos de montar; entre os gaúchos, certas calças muito largas, cingidas nos tornozelos por botões, calças comuns com as bocas das pernas afuniladas; traje de palhaço; também usada no singular: bombacha”; segundo o *Houaiss*, a **etimologia** da palavra é **platina**, as bombachas são as calças típicas do traje masculino gaúcho:

bombachas *s. f. pl.* (C. 1644) VEST **1.** *ant.* calções folgados que se atavam por sob os joelhos **2.** *ant.* certos calções largos, de montar **3.** *B. S.* entre os gaúchos, certas calças muito largas, cingidas nos tornozelos por botões **4.** *RJ* calças comuns, com as bocas das pernas afuniladas **5.** traje de palhaço ⊕ GRAM ver *pluralia tantum*; tb. us. no sing.: *bombacha* ⊕ ETIM plat *bombachas* ‘calças típicas do traje masc. Gaúcho’ ⊕ SIN/VAR *bombacha* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 309).

O fato de o *Houaiss* apresentar-nos que a origem etimológica do verbete “bombachas” ser do Rio da Prata é extremamente importante, uma vez que contrasta com o que é afirmado no *Dicionário de Regionalismos*, ou seja, que o verbete teria uma provável etimologia turca. Confrontando as datas históricas reveladas pelos dicionários escolhidos por nós como objeto de pesquisa, com o objetivo de desfazer esse desencontro de informações entre as fontes, é possível percebermos que o *Houaiss* traz-nos uma data de etimologia anterior à data trazida por Nunes, o que leva-nos a tender para a afirmação trazida pelo *Houaiss*, mas é evidente que esse é um tema problemático, visto que, se tivesse uma origem etimológica clara, a palavra “bombachas” não apresentaria problemas em sua descrição, já que nossas fontes de análise são seguras e reconhecidas regional e nacionalmente. Essa dificuldade em precisar a origem etimológica do vocabulário regional é uma constante, o que pode ser observado no tocante à palavra gaúcho, conforme estudo realizado por Petri (2004), em tese de doutoramento.

O “chiripá”, no *Dicionário de Regionalismos*, é designado como “vestimenta rústica, sem costuras, usada antigamente pelos homens do campo [...]. O chiripá serve de calças ou de bombachas. Atualmente é utilizado nos CTGs, por conjuntos folclóricos”:

CHIRIPÁ, s. Vestimenta rústica, sem costuras, usada antigamente pelos homens do campo. É constituído de um metro e meio de fazenda que, passado por entre as pernas, é preso à cintura em suas extremidades por uma cinta de couro ou pelo tirador. Há, também, chiripas de luxo, bordados e com franjas. O chiripá serve de calças ou de bombachas. Atualmente é usado apenas nos CTGs por conjuntos folclóricos (NUNES; NUNES, 1948, p. 115-116).

Por meio de palavras como “rústica”, “antigamente” e “folclóricos”, podemos perceber que o “chiripá” era geralmente utilizado nos trabalhos do campo e que contemporaneamente serve apenas como forma de retomar o tradicional, ou seja, esse elemento perdeu o valor de utensílio próprio do gaúcho, ao poder se substituído pelas “bombachas”, que possuem mesma função.

Segundo o *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 455), o verbete “chiripá” teve entrada no Brasil em 1870 e é designado como uma **vestimenta do Rio Grande do Sul**: “peça do vestuário usada no passado pelos homens do campo sul rio-grandenses, argentinos, uruguaios e paraguaios, que consistia num retângulo de pano, geralmente de lã vermelha, passado por entre as coxas e preso à cintura”; tem origem etimológica platina:

chiripá s. m. (1870) ETN VEST RS 1. peça de vestuário us. no passado pelos homens do campo, sul-rio-grandenses, argentinos, uruguaios e paraguaios, que consistia num retângulo de pano, ger. de lã vermelha, passado entre as coxas e preso à cintura ■ *adj.* 2g, s. 2g, s. m. ETNOL LING 2. m. q. NHANDEVA ⊕ ETIM plat *chiripá*, do quinch. *txirípak* ‘para o frio’ ⊕ PAR *chiripa* (s.f.) (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 455).

Comparando o que nos é apresentado pelos dois dicionários, podemos apreender que, assim como o *Dicionário de Regionalismos*, o *Dicionário Houaiss* traz-nos a palavra “passado” (do mesmo campo semântico da palavra “antigamente”, trazida pelo *Houaiss*), ou seja, é um item da indumentária que deixou de ser utilizada pelos gaúchos e, conseqüentemente, de ser tomada como essencial à indumentária do gaúcho. Cabe a nós ressaltar também que, no *Dicionário Houaiss*, a palavra “chiripá” é remetida ao gaúcho e à origem platina, ou seja, o **chiripá tem origem no Rio da Prata** e, a partir desse lugar, chegou até os gaúchos do Rio Grande do Sul. O “chiripá” pode, então, ser relacionado à indumentária do gaúcho, mesmo que a de antigamente. Fato que contrasta com a realidade dos CTGs, por exemplo, nos quais essa peça ainda é muito utilizada em reuniões festivas possibilitando o nosso entendimento de que um Centro de Tradições Gaúchas representa o lugar da

manutenção da cultura gaúcha em contraponto à “realidade” que se perpetua por meio do discurso dicionarístico.

A “guaiaca” é o cinto tradicional do gaúcho, segundo o *Dicionário de Regionalismos* (NUNES; NUNES, 1948, p. 234), é o “cinto largo de couro macio, às vezes de couro de lontra ou de camurça, ordinalmente enfeitado com bordados ou com moedas de prata ou de ouro, que serve para porte de armas e para guardar dinheiro e pequenos objetos”:

GUAIAACA, s. Cinto largo de couro macio, às vezes de couro de lontra ou de camurça, ordinariamente enfeitado com bordados ou com moedas de prata ou de ouro, que serve para o porte de armas e para guardar dinheiro e pequenos objetos. Var. Goiaca. (Etim.: Vem do quínchua, huayaca, que significa bolsa (NUNES; NUNES, 1948, p. 234).

Vemos os gaúchos que usam “bombachas” utilizando a “guaiaca”, mesmo que sua utilidade principal tenha se perdido, já que há lei que determine o impedimento de posse e porte de armas de fogo. A Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003, que “dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas (Sinarm), define crimes e dá outras providências”, em seu artigo sexto dispõe: “É proibido o porte de arma de fogo em todo o território nacional, salvo para os casos previstos em legislação própria”. Portanto, como há possibilidade de porte de armas brancas e de se utilizar a guaiaca para carregar moedas e pequenos objetos, ela continua sendo utilizada por alguns gaúchos.

Segundo o *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 993), o verbete “guaiaca” teve entrada no país em 1899 e significa “cinto largo de couro ou de camurça, com bolsos onde se guardam dinheiro, objetos miúdos e que também é usada para o porte de armas; etimologia platina; sinônimo de goiaca”:

guaiaca s. f. B. S. cinto largo de couro ou de camurça, com bolsos onde se guardam dinheiro, objetos miúdos, e que tb. é us. para o porte de armas ⊕ ETIM plat. *guayaca*, der. do quinch. *huayaca* ‘saco’ ⊕ SIN/VAR goiaca ⊕ PAR guaiacá (s.f.), guaiacã (s. m.), guáiacó (s. m.) e guaiaco (s. m.) (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 993).

Conforme podemos perceber, mesmo fazendo parte da indumentária do gaúcho, isso não está registrado em nenhum dos dicionários, **a “guaiaca” é referenciada ao gaúcho apenas no que tange à origem platina do termo.** Fato que não exclui a “guaiaca” de ser um dos itens da indumentária do gaúcho. No *Dicionário Houaiss*, já podemos perceber que, embora traga a mesma designação do *Dicionário de Regionalismos* quanto à sua utilidade, a ordem de apresentação de “utilidades” é invertida por sua importância, pois, enquanto o *Dicionário de Regionalismos* traz que

“serve para porte de armas e para guardar dinheiro e pequenos objetos, o *Dicionário Houaiss* diz-nos que é um cinto largo [...] com bolsos onde se guardam dinheiro, objetos miúdos e que também é usada para o porte de armas”. A ordem foi invertida conforme a sua importância, propondo que o momento histórico torne-se um fato determinante para a atribuição do sentido, pois, no *Dicionário de Regionalismos*, é importante designar os verbetes segundo a sua importância para os gaúchos, e os gaúchos de antigamente utilizavam a guaiaca com o objetivo principal de portar a sua arma, já o *Dicionário Houaiss*, tende a abarcar uma designação nacional, além de atualizada, motivo pelo qual a opção de também poder ser utilizada para o porte de armas é trazida por último, não sendo essa a sua função principal atualmente.

O verbete “pala” é remetido ao verbete “poncho” no *Dicionário de Regionalismos* (NUNES; NUNES, 1948, p. 343), mas também temos a designação de que é “feito em geral de brim, vicunha ou seda, de feitio quadrilátero, com as extremidades quadriláteras. Usa-se enfiado ou em torno do pescoço, como cachecol”:

PALA, s. Poncho leve, feito em geral de brim, vicunha ou seda, de feitio quadrilátero, com as extremidades franjadas. Usa-se enfiado ou em torno do pescoço, como cachecol. (Etim. Provavelmente vem do castelhano *pallio*, capa, que por sua vez vem do latim *pallium*) (NUNES; NUNES, 1948, p. 343).

Como a baixa temperatura do sul do Brasil é uma característica, o “pala” ainda é bastante popular entre os gaúchos, bem como recebeu versões em outros tecidos, cores e modelos.

Conforme o *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1413), o verbete “pala” teve entrada no Brasil em 1844 e tem designação de “poncho leve geralmente confeccionado de brim, vicunha ou seda, com as extremidades arredondadas e guarnecidas de franjas; etimologia controversa ou obscura”:

pala s. m. (1844) VEST B. S. poncho leve, ger. confeccionado de brim, vicunha ou seda, com as extremidades arredondadas e guarnecidas de franjas Δ abrir o p. B. S. *inform.*, retirar-se furtivamente; fugir, escapar ⊖ ETIM orig. controv. ou obsc. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1413).

Fazendo-se a comparação entre as designações trazidas pelos dois dicionários é possível percebermos que eles trazem praticamente o mesmo conteúdo, os dois referem o “pala” ao “poncho” e especificam que o “pala” é mais leve do que o “poncho”. Ainda que atualmente “pala” e “poncho” pareçam ter o mesmo significado, temos a partir da designação do *Dicionário de Regionalismos* e do *Dicionário Houaiss*, que uma das diferenças entre esses dois utensílios da vestimenta do gaúcho é que o “pala” é um artigo de feitio mais leve, sendo assim utilizado antes do

inverno gaúcho, que tende a ser o mais rigoroso do Brasil. Vejamos mais as diferenças entre o “pala” e o “poncho”.

O “poncho”, segundo o *Dicionário de Regionalismos*, é:

Espécie de capa de pano de lã, de forma retangular, ovalada ou redonda, com uma abertura no centro, por onde se enfia a cabeça. É feito geralmente de pano azul, com forro de baeta vermelha. É o **agasalho tradicional do gaúcho do campo**. Na cama de pelegos, serve de cobertura. A cavalo, resguarda o cavaleiro da chuva e do frio. Quando não está em uso, é conduzido à garupa, enrolado, amarrado nos tentos, na parte posterior do lombilho, ou acondicionado na *mala-de-poncho*. ¶ O poncho é usado também como arma, pois, com ele, o gaúcho se protege nas brigas de ferro branco, enrolando-o no braço, ou, ainda, jogando-o ao solo para, com um tirão, desequilibrar o adversário que nele pisar inadvertidamente; utiliza-o, também, para defender-se de tiros-de-bola. (NUNES; NUNES, 1948, p. 388, grifos nossos).

Como podemos perceber por meio da citação anterior, o “poncho” é “o agasalho tradicional do gaúcho do campo”. Diferentemente do “pala”, é feito de lã, para aquecer o gaúcho, mas não possui como função única o aquecimento, pois também serve de cobertura, de capa de chuva e de arma para o gaúcho, sendo então o “**poncho**” um dos elementos da vestimenta do gaúcho que mais serventia tem para ele, por esse motivo, pode ser considerado, **dentre os itens da pilcha, o mais útil**, o mais necessário. O verbete “poncho”, no *Dicionário de Regionalismos*, possui ainda alguns desdobramentos, como por exemplo, os verbetes “poncho – bichará”, que é o poncho grosseiro; o “poncho de provisório”, que era uma capa, aberta na frente, usada pelos soldados dos corpos provisórios da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, na revolução de 1923; o “poncho dos pobres”, que é o sol, ou seja, aquele que aquece quem não tem a condição de ter um poncho; o “poncho pala”, que é o “pala, o poncho leve”; e, por fim, o “poncho – reiúno”, que era o poncho de pano que fazia parte dos uniformes das tropas montadas do Exército Nacional. Podemos recorrer, também, à imagem do centauro, formada pelo gaúcho vestindo o poncho e montado em um cavalo; remetendo ao místico animal metade homem, metade animal, que paira na imaginação do ideal gaúcho que se formou ao longo dos tempos.

Segundo o *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1521), temos a palavra “ponche”, que teve entrada no país em 1899, referida a “poncho”, e a palavra “poncho” designada como “espécie de capa de formato quadrangular geralmente de lã grossa, com abertura que permite enfiá-la pela cabeça para que fique apoiada sobre os ombros”:

ponche *s. m.* (1899) SP m. q. **PONCHO** (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1521).

poncho *s. m.* espécie de capa de formato quadrangular, ger. de lã grossa, com abertura que permite enfiá-la pela cabeça para que fique apoiada sobre os ombros Δ p. do pobre *B. S.* o calor do sol • enrolar o p. *RS* preparar-se para viajar • forrar o p. *B. S.* ganhar muito dinheiro • passar por baixo do p. *B. S.* passar algo ocultamente; contrabandear • pisar no p. de *B. S. m. q.* *SACUDIR O PONCHO DE* • sacudir o p. de *B. S. 1.* dirigir ofensas a; insultar *2.* desafiar ou provocar alguém ⊕ ETIM esp. *poncho* ‘espécie de capa sem mangas’, de orig controv. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1521).

O *Houaiss* traz-nos, ainda, as variações da palavra, como “poncho do pobre”, que é o calor do sol; “enrolar o poncho”, que significa prepara-se para viajar; “forrar o poncho”, que significa ganhar muito dinheiro; “passar por baixo do poncho”, que significa passar algo ocultamente, contrabandear; “pisar no poncho de”, significando o mesmo que “sacudir o poncho de e sacudir o poncho de”, significando dirigir ofensas a, insultar, desafiar ou insultar alguém; etimologia espanhola de origem controversa.

Podemos perceber que o poncho está relacionado ao gaúcho, ainda que, conforme o *Dicionário Houaiss*, tenha origem controversa e nem seja referenciado ao gaúcho nesse dicionário. Fato que não ocorre no *Dicionário de Regionalismos*, pois nesse temos a referência direta ao gaúcho e, mais do que isso, nesse dicionário nos é afirmado que o poncho **“é o agasalho tradicional do gaúcho do campo”** (NUNES; NUNES, 1948, p. 388), denotando, assim, a grande importância que essa parte da indumentária tem para o gaúcho. Outro fator que reafirma a importância do “poncho” é os seus inúmeros aforismos, pois ele é o “poncho dos pobres”, é o “poncho” que serve para defesa em uma luta, ou como arma, além de sua utilidade principal que é aquecer, esquentar, proteger do frio.

A partir das designações dos itens que fazem parte da indumentária do gaúcho, são eles, a alpargata, as bombachas, o chiripá, a guaiaca, o pala e/ou o poncho. Podemos perceber que esses elementos fazem referência a um gaúcho que não o contemporâneo. Era o gaúcho de antigamente, o tradicional, que vestia a pilcha completa ininterruptamente, para desenvolver suas atividades no campo e/ou para participar de eventos sociais, pois o gaúcho de hoje não tem por hábito utilizar a pilcha diariamente e, sim, esporadicamente ou em eventos sociais regionalistas. Um dos motivos encontrados por nós que justifique esse fato é que as condições de produção do discurso dicionarístico divergem das contemporâneas. Para a compreensão do conceito de condições de produção, citamos Orlandi (2009, p.30): “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção de um discurso”, ou seja, tanto os sujeitos quanto a situação contemporânea ao acontecimento, neste caso, a produção dos dicionários, influenciam (mesmo que se pretenda a neutralidade) no discurso produzindo. De modo que a imagem do sujeito gaúcho que se forma e se mantém é de uma memória registrada não só em dicionários, mas na

mitologia, na literatura, na história e que tem sua manutenção realizada nos centros de tradição gaúcha até hoje.

Talvez o gaúcho contemporâneo seja influenciado pelo fator temporal, ou seja, o gaúcho que vive na cidade precisa economizar seu tempo e, por esse motivo, tem preferência por roupas fáceis de usar e de adquirir, assim como, roupas que condigam com a sua profissão e com o seu dia-a-dia. O gaúcho procura atualmente, e cada vez mais, enquadrar-se ao urbano, valorizando as suas origens da maneira que lhe é possível, se não mais com a indumentária, talvez com a gastronomia ou com a sua expressão vocabular única, que continua sendo sua “marca” diante do restante do nosso país.

A imagem de gaúcho de antigamente que conhecemos, é de um sujeito que fazia questão de ser referência de masculinidade e de virilidade, e a sua indumentária, relacionada à lida no campo, condizia com essa imagem que buscava transparecer, assim como também o seu linguajar, as suas ações etc. Bem como, considerando a típica indumentária e o animal típico do gaúcho, formava a imagem do centauro, ao vestir o poncho e montar o cavalo, pois essa era a imagem do gaúcho tradicional. Ao passo que o sujeito gaúcho contemporâneo, por meio de suas ações e do seu discurso, mostra-se, cada vez mais, contrário ao machismo, até mesmo porque vivemos num mundo globalizado que vem lutando diariamente contra todos os tipos de preconceito. O sujeito gaúcho de atualmente ainda está bastante ligado a um imaginário de tradicionalismo, por esse motivo ele pode remeter às tradições da sua terra e região de maneiras diversificadas, como por meio da gastronomia, por exemplo, ou da sua forma de expressão única e diferenciada de todas as outras existentes no Brasil.

A imagem do gaúcho contemporâneo: sem a pilcha

Com o passar do tempo é cada vez menos comum que vejamos gaúchos completamente pilchados, o sujeito gaúcho contemporâneo distingue-se por outras atitudes, principalmente por seu falar único, por seus regionalismos, tanto que há dicionários como o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, por exemplo, que busca esclarecer quem não é do Rio Grande do Sul ou quem não está habituado com palavras e expressões utilizadas pelos gaúchos tradicionais, já que muitas dessas palavras estão ligadas aos trabalhos no campo ou aos animais típicos da região sul. É por esse motivo que concluímos que o fator temporal é importante para a formação da imagem do gaúcho de atualmente, que procura vestir-se de acordo com a sua profissão, buscando cada vez mais a praticidade e o conforto que uma roupa pode proporcionar. Não podemos nos afastar, porém, da questão de que a imagem do gaúcho de antigamente estava relacionada à sua vestimenta, tanto que, a indumentária favorecia seu trabalho no campo e com os animais típicos da região sul, fato que

comprova que, com o passar do tempo, não há como a indumentária seguir mantendo a importância que possuía antigamente, pois os tempos são outros, os trabalhos são outros e grande parte dos gaúchos se encaminhou para a cidade. Considerando que, muitas vezes, o gaúcho urbano demonstre-se influenciado pelo gaúcho que se manteve no campo, no que se refere à indumentária e à cultura, por exemplo. O que permanecem fortemente são as influências de um imaginário que se formou acerca do gaúcho, uma imagem do orgulho de exaltar as raízes da maneira que é possível nos dias de hoje, através da indumentária ou não.

Os gaúchos de hoje, tanto os homens quanto as mulheres, buscam praticidade e esse é um dos motivos que levaram a diminuir o uso da pilcha, porém, com isso não se pode afirmar que o tradicionalismo tenha caído em desuso, o que mudaram foram as formas de se exaltar as tradições gaúchas. Um bom exemplo disso é o chimarrão, que é passado de geração a geração e, hoje, é uma das grandes marcas do tradicionalismo que persiste à modernidade, pois não apresenta diferenças ao longo do tempo e nem nos diferentes espaços. A praticidade que se busca atualmente não é prejudicada pelo chimarrão, é até mesmo mantida, já que o seu preparo não demanda muito tempo e nem muita prática, então, temos o chimarrão como um elemento de manutenção do imaginário que se forma acerca do gaúcho.

Como podemos confirmar através dessa *Quadra popular*: “A gaita matou a viola,/ O fofo matou o isqueiro,/ A bombacha, o chiripá,/ A moda, o uso campeiro” (NUNES; NUNES, 1948, p. 116). O gaúcho de antigamente vestia-se de acordo com as suas necessidades, porém, com o passar do tempo, seus costumes foram se modificando, assim como sua indumentária. Como vimos anteriormente, por exemplo, o “chiripá” era um utensílio antigo da vestimenta do gaúcho, que passou a ser pouco utilizado por ele, pois possuía as mesmas funções de calças ou de “bombachas”, ou seja, buscando praticidade e agilidade na hora de se vestir, o gaúcho aboliu o que parecia desnecessário. A “moda”, referida na *Quadra popular* como responsável pelo desaparecimento do “uso campeiro”, passou a ditar as tendências de como vestir-se bem, tendo sempre em vista a praticidade, um dos grandes motivos que levaram a influenciar a imagem do gaúcho de atualmente, sem a pilcha.

Neste trabalho, tomamos o dicionário como um discurso sobre a língua, conforme Nunes (2010), e é a partir disso que analisamos como a indumentária do gaúcho é discursivizada em um dicionário nacional, o *Houaiss*, e em um dicionário regional, o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Percebemos que algumas palavras consideradas “gaúchas”, como “alpargatas”, “bombachas” e “guaiaca”, que, num primeiro momento, foram pensadas como símbolos, na verdade receberam maior abrangência no dicionário nacional *Houaiss* do que no *Dicionário de Regionalismos*. Ainda de acordo com o que afirma Nunes (2010), o dicionário não é algo que

estaria na mente das pessoas desde que elas nascem, mas, algo que é produzido por práticas reais em determinadas conjunturas sociais. Fato que indica a importância do dicionário para a construção de conhecimentos, já que ele se constrói a partir da prática discursiva.

A imagem do gaúcho, portanto, não pode ser definida como uma só, pois consideramos que muito do que a envolve está relacionado ao folclore e ao mito de um sujeito que vive no campo com modos distintos de falar e com uma arte peculiar de vestir. O discurso sobre o gaúcho, de certa forma, auxilia nessa imagem mitológica que se forma e se perpetua, no momento em que podemos encontrar em dicionários, na história e na própria literatura um sujeito gaúcho peculiar e divergente de outros sujeitos regionalistas.

REFERÊNCIAS:

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

BRASIL. Estatuto do desarmamento: Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003. Dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição. 4. ed. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 59 p. Série legislação; n. 71. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/764/estatuto_desarmamento_4ed.pdf?sequence=9. Acesso em: 15 Ago. 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**. Vol. 3, nº 1/2, Ano III. 2010. Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/1981/1305>. Acesso em 18 Ago. 2012.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 1948, 552 pág.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2009.

PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em *Porteira Fechada*, de Cyro Martins**. Tese de Doutorado em Linguística. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5534>. Acesso em: 02 Jul. 2013.

_____. Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos**, 23/24. Campinas, São Paulo: RG Editora, 2010. p. 25-35.

_____. **Um outro olhar sobre o dicionário:** a produção de sentidos. Santa Maria: PPGL Editores, UFSM, 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/corpus/public/livroVerli2010.pdf>. Acesso em: 18 Ago. 2012.

QUADRA popular. [s.n.d.]. In: NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 1948, p. 116.